

Maya, Vellinho e Meyer, leitores de Machado de Assis*

Prof. Dr. Carlos Alexandre Baumgarten¹ (FURG)

Resumo:

A recepção crítica da obra de Machado de Assis apresenta, no plano da crítica sul-rio-grandense uma rica tradição que está vinculada ao trabalho pioneiro iniciado por Alcides Maya no início do século passado, quando, em outubro de 1904, nas páginas do País, periódico do Rio de Janeiro, publica estudo sobre o autor de “Dom Casmurro”. Essa leitura primeira que Maya realiza a propósito da publicação de “Esaú e Jacó”, já contém, em esboço, os elementos que seriam aprofundados pelo autor no livro “Machado de Assis – Algumas notas sobre o humour”, de 1912. O exame do conjunto do ensaio crítico sulino revela que essa incursão pioneira de Alcides Maya alcança repercussão imediata na produção de outros ensaístas sul-rio-grandenses, como Moysés Vellinho e Augusto Meyer, que dedicam boa parte de sua produção ao exame da obra de Machado de Assis.

Palavras-chave: crítica, sul-rio-grandense, século XX.

Introdução

A recepção crítica da obra de Machado de Assis possui, no âmbito do ensaio literário sul-rio-grandense, uma longa e rica tradição, cujas origens estão vinculadas ao trabalho pioneiro iniciado por Alcides Maya, no início do século passado, ao publicar, em outubro de 1904, nas páginas do *País*, periódico do Rio de Janeiro, estudo sobre o autor de *Dom Casmurro*. O exame dessa leitura primeira que Maya realiza a propósito da publicação de *Esaú e Jacó*, revela que ela já contém, em esboço, os elementos que seriam aprofundados no livro *Machado de Assis – Algumas notas sobre o humour*, de 1912, o qual, segundo Augusto Meyer, “marca o início de uma fase nova na biografia póstuma de Machado, [porquanto] pela primeira vez encontrava o mestre um intérprete à altura do seu espírito.” (Meyer, 1958: 97) Em seu livro pioneiro, o autor de *Ruínas vivas* focaliza o conjunto da obra machadiana, a partir do conceito de *humour*, entendido como “enfado e tristeza do mundo e do homem, mas tristeza mista de impassibilidade e de pena à percepção das cousas e enfado que o prazer da análise tempera de orgulho” (MAYA, 1912: 11) e, ao mesmo tempo, “tragicomédia de um homem que indiretamente se confessa.” (MAYA, 1912: 13) Assim concebido, o *humour* reveste-se de um caráter geral e universalizante e, nessa medida, desautoriza qualquer espécie de limitação que se lhe queira impor. Por essa razão, ao discorrer sobre o assunto, fundado em leituras de Hegel, Carlyle, Schlegel e outros, contrapõe-se a Taine por haver este lançado mão do critério da raça, circunscrevendo o fenômeno do *humour* aos anglo-saxões:

O critério de raça não tem o valor que lhe atribui o publicista francês.

É um estudo superficial, o de Taine, confundindo influências secundárias com fatores essenciais, produto de lamentável especialismo, de um método materialista de laboratório, inaplicável às letras. (MAYA, 1912: 16)

Ao invés de vincular sua argumentação a esse elemento de natureza restrita, o autor afirma o caráter sociológico de seu ensaio e justifica a presença do *humour* a partir do contexto sócio-histórico-político típico dos períodos de transição, o que faz dele um fenômeno universal passível de ocorrer em qualquer literatura. Entre o fim de uma fase histórica e o início de outra, situa-se

* Trabalho vinculado ao projeto de pesquisa “Machado de Assis e o ensaio crítico sulino”, que foi desenvolvido com o apoio do CNPq.

sempre um intervalo em que a dúvida sobre os valores em geral se instala, determinando o aparecimento do humorista, que “é um forte bom, vencido, mas sobranceiro à derrota, e na atitude que assume, não de orgulho puro, e sim de altivez dolorosa, há, anulando o despeito pessoal, uma certeza superior das contingências humanas.” (MAYA, 1912: 14)

A consideração do *humour* e do humorista como um fenômeno essencialmente humano abre caminho para a análise de Machado de Assis sob uma perspectiva então nova no plano da crítica literária brasileira, revestindo de originalidade o estudo desenvolvido por Alcides Maya. Para ele, a obra do autor de *Brás Cubas*, além do pessimismo e ceticismo, vem assinalada por uma “filosofia do supremo desengano, em que a dúvida é menos que dúvida, pois desaparece na certeza do irreparável.” (MAYA, 1912: 33) Nessa perspectiva, o ceticismo, o pessimismo, a dúvida e o desengano na focalização da realidade, elementos característicos da expressão literária machadiana, conduzem Maya a concluir pela presença do *humour* em sua obra, fato que a singulariza no contexto da literatura brasileira de seu tempo, em geral marcado por uma produção em que o ufanismo e a crença no progresso do homem e do País são a nota dominante.

Original também é a leitura da obra poética de Machado de Assis, na qual o ensaísta reconhece que “dos românticos foi o único entre nós a influir, pelo seletor da língua e da métrica, sobre a geração parnasiana.” (MAYA, 1912: 78) Igual juízo pode ser encontrado em críticos contemporâneos, como Péricles Eugênio da Silva Ramos, o que demonstra, senão acerto, pelo menos a longevidade alcançada por alguns conceitos emitidos por Alcides Maya que, especialmente no plano da crítica literária sul-rio-grandense, são retomados pelos ensaístas que o sucederam no exame da obra de Machado.

Assim, na esteira do trabalho pioneiro de Alcides Maya, muitos outros ensaístas sulinos, nas décadas subseqüentes, se ocuparam da produção literária machadiana. Inclui-se, nesse caso, Moysés Vellinho, sem dúvida, um dos intelectuais mais atuantes no cenário cultural sul-rio-grandense, entre as décadas de 20 e 50 do século recém-findo, pois, além de sua atividade profissional e de seus escritos relativos à história sulina, desempenhou papel significativo no plano dos estudos literários, seja através de sua atuação militante como crítico literário, seja à frente do grande empreendimento que foi a criação e direção da revista *Província de São Pedro*. Vellinho foi um leitor atento da obra de Machado de Assis, a quem dedicou duas publicações: *Machado de Assis - Aspectos de sua vida e obra*, de 1939, incorporada, mais tarde, a *Machado de Assis – Histórias mal contadas e outros assuntos*, de 1960, que reúne o conjunto de seus ensaios a respeito do autor de *Dom Casmurro*. O livro apresenta quatro textos: “Um brasileiro contra a paisagem”, “Motivos de crítica social”, “Um machadiano” e, por último, “Histórias mal contadas”.

Em “Um brasileiro contra a paisagem”, reprodução de conferência proferida, na Biblioteca Pública do Estado, em comemoração ao centenário de nascimento de Machado, Vellinho tem como objetivo principal traçar a biografia do romancista e, a partir dela, justificar a natureza assumida por sua obra. Nesse sentido, assinala, inicialmente, o aparente contraste entre a origem humilde do autor de *Várias histórias* e a trajetória por ele realizada, através de “uma obra que é a expressão mais alta do nosso patrimônio literário.” (VELLINHO, 1960: 14) Tal contradição é, na perspectiva do crítico, apenas superficial, uma vez que o caminho percorrido por Machado, mediante a afirmação de uma escrita literária altamente refinada, caracteriza-se como uma tentativa de libertação e sublimação de seu passado original. Mais do que isso, a luta entre a mediocridade de sua origem e a excelência de sua produção expressão literária revela-se como o elemento determinante da vitalidade da obra machadiana.

Definida a estreita relação existente a vida e a obra de Machado de Assis, Vellinho reconhece na última “o único filão rigorosamente inesgotável da nossa literatura” (VELLINHO, 1960: 16) devido principalmente ao caráter universal de sua escrita, cuja ênfase, registra o crítico, recai no tratamento do mundo interior das personagens, em sua conformação psicológica. Nesse aspecto residiria igualmente a diferença entre o autor de *Brás Cubas* e seus contemporâneos, que

tratavam de valorizar e focalizar o universo exterior, a paisagem, com o que se justifica o título da conferência “Um brasileiro contra a paisagem”.

A leitura de Moysés Vellinho, ao ressaltar a universalidade da produção machadiana vincula-se ao já estabelecido, no plano do ensaio literário sul-rio-grandense, por Alcides Maya em seu texto pioneiro. É em Maya também que o autor de *Letras da Província* vai buscar inspiração para perceber e surpreender, nos livros de Machado, “o olho venenoso do grande humorista a sublinhar os pecados que comprometem e corrompem as relações dos homens entre si, atirando-os uns contra os outros.” (VELLINHO, 1960: 54) Com tal procedimento, Vellinho, embora sem citar seu antecessor, dá continuidade a um caminho por ele aberto na análise crítica da obra do romancista brasileiro.

A exemplo de Maya, Vellinho, ao construir sua biografia de Machado, busca defender o romancista daqueles que o acusavam de omissos frente às questões sociais do País. Para o crítico, “nenhum de nossos escritores foi mais meticoloso [do que Machado] na reprodução dos costumes de sua época, mais exato na retratação dos tipos e caracteres que encheram os seus dias e com os quais ainda topamos freqüentemente nos cafés, nas repartições públicas, nos salões, nas ruas.” (VELLINHO, 1960: 20) O social na obra de Machado decorre, em última análise, do seu interesse pelo humano, que impediu que se deixasse seduzir pelo encantamento da terra e da paisagem. Nesse caminho, o autor de *Dom Casmurro* preferiu o “homem, senão para amá-lo, ao menos pelo vário e profundo jogo de sombras que ele oferece.” (VELLINHO, 1960: 20)

Em “Motivos de crítica social”, segundo ensaio integrante de seu livro, Vellinho analisa preferencialmente as obras da chamada fase realista de Machado de Assis: *Quincas Borba*, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro*, *Esau e Jacó* e *Várias histórias*. O objetivo do ensaio, constante do título, é apontar a crítica social presente na produção machadiana e comumente negada pela crítica. Valendo-se da biografia do romancista – especialmente de sua condição de mestiço – o crítico justifica o fato de Machado não haver participado ativamente e publicamente da campanha abolicionista. Contudo, procura provar que o autor de *Iaiá Garcia* não foi, em sua produção, indiferente ao tema. Para tanto, recorre ao conto “Pai contra mãe”, no qual Machado aborda, por alguns momentos, o problema da fuga dos escravos e, ironicamente, comenta: “Ora, pegar escravos fugidos era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantém a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicatórias.” (VELLINHO, 1960: 43) A passagem do texto machadiano permite ao crítico apontar para a presença do que chama de *terrível crítica condenatória* que se esconde através de uma capciosa justificação.

Advogando em favor do projeto literário de Machado de Assis – no qual percebe um firme compromisso com a própria arte e, conseqüentemente, uma negação da arte como instrumento de participação política em seu sentido estrito – o crítico vê no romancista *um* artista antes de tudo, que se negava a valer-se da arte como veículo de propaganda política, que pudesse ameaçar o que chama de “a pureza de sua concepção da arte.” (VELLINHO, 1960: 47) Apesar dessa postura, não se furtou Machado de, em sua obra de ficção, focalizar as principais questões sociais de seu tempo. Por isso, é freqüente em sua produção, segundo o ensaísta, “a crítica ao culto sensual do dinheiro, pedra angular da ordem em que vivemos.” (VELLINHO, 1960: 47) Exemplar, nesse sentido, é Cristiano Palha, de *Quincas Borba*, acabado produto da “corrupção social e das devastações morais desencadeadas pela ganância argentária, paradigma do homem, mais encontrado hoje do que nunca, que trocou a alma pelo dinheiro.” (VELLINHO, 1960: 50)

A ganância pelo dinheiro – um dos motivos de crítica social presentes nas narrativas de Machado – é responsável não apenas por amores falsos, como o de Sofia por Rubião, mas também pela perda do sentido da realidade, como é o caso da passagem, em *Esau e Jacó*, em que Batista deixa-se fascinar pelo valor alcançado pelos maços de ações. Igualmente, em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, faz-se presente a mesma crítica, quando do episódio da partilha dos bens deixados

pelo pai de Brás Cubas. Elencados estes e mais tantos outros exemplos, o crítico conclui: “Como se vê, motivos de penetrante crítica social, que chegam a parecer inspirados pela inquietação dos nossos dias, são encontradiços em Machado de Assis, manifestando-se, já de viés, quando maliciosamente disfarçados sob as manchas do humor.” (VELLINHO, 1960: 64)

Percorrendo caminho semelhante àquele trilhado por Alcides Maya, Vellinho não apenas recorre insistentemente ao humorismo característico da escrita literária machadiana, como também ao pessimismo que perpassa sua visão de mundo. Tais atributos, ao mesmo tempo em que qualificam de modo diferenciado sua produção, são, segundo o ensaísta, provavelmente os responsáveis pelo obscurecimento e neutralização da crítica social nela presente.

Em “Um machadiano”, Moysés Vellinho relata encontro que tivera com Benjamin Woodbridge, autor de tese sobre a obra de Machado de Assis e professor de literatura brasileira na Universidade da Califórnia. Da conversação que mantiveram, o ensaísta sulino destaca o fato de o estudioso norte-americano não vislumbrar um cético no autor de *Várias histórias*, como muito têm afirmado as leituras de sua obra. Trata-se, aqui, de uma crítica direta que Vellinho endereça a Alcides Maya, um dos responsáveis pela afirmação, no âmbito do ensaio literário brasileiro, do ceticismo como uma das características marcantes da obra de Machado. Machado seria, em verdade, um pessimista, nunca um cético, tal a fé profunda na arte que se manifesta no conjunto de sua produção literária.

O encontro de Vellinho com Woodbridge resultou ainda na publicação, em número da *Província de São Pedro*, de capítulo da tese de doutorado do professor da Califórnia. Dele vale-se o crítico para empreender a defesa do romancista brasileiro contra aqueles que não viam sua obra como expressão da nacionalidade. Nesse sentido, citando o colega norte-americano, Vellinho afirma:

Na arte, se Machado atingiu a universalidade pelo estilo e pelos personagens que criou, foi profundamente brasileiro pela inspiração que o levou a criá-los. Um brasileiro que alcança o universal deixará por isso de ser brasileiro? Absolutamente. É até ele quem prova ao mundo de fora a existência de valores brasileiros e lhes dá seu lugar entre os valores mundiais. Machado é desses brasileiros que testemunham perante o mundo a existência espiritual do Brasil. (VELLINHO, 1960: 76)

Como se pode observar, uma das principais preocupações que percorre os ensaios de Vellinho acerca de Machado de Assis continua sendo, a exemplo do que já ocorrera há quarenta anos atrás com Alcides Maya, a defesa do autor de *Memórias póstumas* frente às acusações que sofrera no plano do ensaio literário brasileiro. A mesma intenção está na base dos reparos que faz ao estudo empreendido por Eugênio Gomes sobre as fontes e influências presentes na produção machadiana, já que

nas identidades que lhe parecem palpáveis [a Eugênio Gomes] (...) talvez não haja mais que afinidades ou vagas coincidências, pois bem feitas as contas, vemos facilmente que entre as influências que Machado de Assis sofreu e a obra que conseguiu realizar há uma desproporção considerável em favor da autenticidade de sua vocação. (VELLINHO, 1960: 77)

No mesmo texto, que se caracteriza como uma mescla de relato memorialístico e ensaio crítico, Vellinho arrola ainda uma série de informações a respeito da repercussão alcançada pela obra de Machado de Assis, após a tradução para o inglês de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro* e *Quincas Borba*, ocorridas todas após 1950. Registra, igualmente, a existência de outros trabalhos que, realizados em distintas universidades norte-americanas, não apenas focalizam a produção literária do autor brasileiro, como são unânimes em afirmar sua qualidade estética.

Em “Histórias mal contadas”, texto escrito por ocasião do cinquentenário da morte de Machado de Assis, Vellinho, diferentemente dos ensaios precedentes, não se ocupa da análise da obra do romancista. Restringe-se a registrar o recato com que o escritor pautou sua vida pessoal, “negando-se à curiosidade do mundo, mostrando-lhe uma vida sem cor nem relevo.” (VELLINHO, 1960: 90) Nesse sentido, é na obra que escreveu, “que havemos de surpreendê-lo em suas medidas reais, sem as deformações a que podem conduzir testemunhos insignificantes ou suspeitos.” (VELLINHO, 1960: 91) Entre estes últimos, arrola e refuta, um por um, os ataques desferidos contra Machado por Luiz Murat, Agrippino Grieco e Hemetério José dos Santos.

Contemporâneo de Moysés Vellinho foi Augusto Meyer, igualmente um atento e constante leitor de Machado de Assis, cuja obra passa a estudar, quase sem intervalos, desde 1922, quando publica “As idéias de Brás Cubas”, texto divulgado em dois números sucessivos de *O Exemplo*, periódico de Porto Alegre. Ao primeiro ensaio, segue-se “Machado de Assis e a alma contemporânea”, veiculado no *Diário de Notícias*, em novembro de 1925. A leitura destes ensaios iniciais revela um Augusto Meyer navegando pelas águas da crítica impressionista, provavelmente influência do subjetivismo de Anatole France, como bem observou Tânia Franco Carvalhal.[†] Tal postura fica bem delineada em afirmações como a que dedica a *Memórias póstumas de Brás Cubas*, em que o romance é caracterizado como “um verdadeiro exemplo de leveza; justamente pelo excesso de subjetivismo, integrado com o autor, mais profunda é a ilusão da realidade, e sentimos, reconhecemos, vivemos tudo o que naquelas páginas se descreve.” (MEYER, 1958: 72)

Após os textos primeiros sobre a obra machadiana, Meyer publica, em 1935, *Machado de Assis*, livro constituído de nove capítulos nos quais emerge um crítico não mais movido pelo impressionismo inicial, mas voltado para a utilização da crítica psicológica, cuja filiação fica plenamente demonstrada no capítulo final quando declara que “através de alguns aspectos da obra de Machado de Assis, tentei traçar o seu retrato psicológico, sem espírito prevenido.” (MEYER, 1935: 108) Tal afirmação, ao mesmo tempo em que revela sua opção pela análise psicológica da produção de Machado, sinaliza para uma posição contrária ao determinismo histórico de Taine, uma vez que “o grande perigo da crítica é um dedutivismo ingênuo que, partindo de uma prenoção, acha no seu campo de pesquisas apenas aquilo que procura.” (MEYER, 1935: 107) Por essa razão, conclui que “respeitar o outro lado provável das cousas, admitir em tudo a parte do indeterminado é uma boa tática para quem não gosta de tropeçar nas surpresas irônicas.” (MEYER, 1935: 108) Em verdade, trata-se de uma forma nova de interpretar a literatura de Machado de Assis, a respeito da qual Antonio Candido, referindo-se a Meyer, afirma que a crítica entrava em uma nova “etapa que poderíamos chamar de propriamente psicológica, quando os críticos procuravam estabelecer uma corrente recíproca de compreensão entre a vida e a obra, focalizando-as de acordo com as disciplinas em moda, sobretudo a psicanálise, a somatologia, a neurologia.” (CANDIDO, 1977: 20)

A escolha pela crítica psicológica é, ainda, justificada pelo próprio ensaísta, em nota de rodapé, ao registrar que “Machado de Assis absorve inteiramente a sua obra, se é possível dizer assim. Contra o interesse literário pela obra, prevalece o interesse psicológico pelo autor.” (MEYER, 1935: 27) Tal juízo é, nessa perspectiva, o responsável pela ênfase que o ensaísta confere à análise das personagens criadas por Machado de Assis, uma vez que elas seriam reveladoras do modo como o próprio romancista se colocava diante do mundo. O capítulo dedicado ao exame de Flora, de *Esauí e Jacó*, é exemplar nesse sentido, uma vez que, para o crítico, “todo o pensamento de Machado de Assis se corporifica nessa figura de mulher, chave de sua obra perversa e perfeita.” (MEYER, 1935: 46) Com tal procedimento, Meyer inaugura, segundo Antonio Candido, uma nova fase da crítica machadiana, visto que logrou ir “além da visão humorística e ‘filosofante’” (CANDIDO, 1977: 20), característica das leituras realizadas da obra do autor de *Memórias póstumas*, ao longo das três décadas iniciais do século passado.

[†] CARVALHAL, Tânia Franco. *O crítico à sombra da estante*. Porto Alegre: Globo; IEL, 1976. p. 20.

Como Moysés Vellinho, Meyer refere igualmente o ensaio de Alcides Maya, a quem cita explicitamente, afirmando que “com prudência e sutileza, Alcides Maya, na introdução ao ensaio sobre Machado de Assis, estudo crítico tão sugestivo, faz um resumo feliz do problema do humor.” (MEYER, 1935: 65) É, pois, sob essa perspectiva que Meyer realiza a leitura de *O alienista*, no capítulo intitulado “Na casa verde”. Na esteira de Maya, Augusto desenvolve a tese a respeito de um *humour* que, presente na obra machadiana, nos conduziria ao que chama de o império do absurdo transcendente, em que o humorista não grita, mas apenas ri, refugiando-se na loucura do absurdo, em protesto contra o mundo criado pela nossa fatalidade determinista. Trata-se de um *humour* para o qual não há limitações de ordem ética, que se coloca para além do bem e do mal, uma vez que “cortou as amarras que o prendiam à solidariedade humana.” (MEYER, 1935: 68) Nessa perspectiva, o *humour* machadiano é, para o ensaísta, mais irônico do que aquele encontrado em Shakespeare ou Charles Dickens, fato que o leva a afirmar que o “verdadeiro humorismo transcendental (...), o que nos leva aos domínios do absurdo, estreou, [na literatura], com *O alienista*, de Machado de Assis.” (MEYER, 1935: 69)

A leitura de Meyer, para além de seu viés psicológico e de suas vinculações com o texto pioneiro de Alcides Maya, assume um caráter comparatista, em que a ficção machadiana é vista, por um lado, na relação com a de Dostoievski, a partir da constatação de que apresenta o mesmo ‘homem subterrâneo’, insulado, a negar e a suprimir o próprio mundo; de outro, com a de Pirandello, ao apresentar o homem como um ser múltiplo e, por isso mesmo, impalpável. O mesmo movimento que conduz Meyer a aproximar Machado de Dostoievski e Pirandello, o leva a afastá-lo do autor da *Comédia humana*, pois, “como criador de ficção, falta-lhe [a Machado] o dom generoso de simpatia que obriga Balzac a se identificar com um estúpido caixeiro-viajante. Uma casa velha, uma cara desconhecida comoviam o velho Balzac, varavam as suas carnes opacas com a fina inquietação da comédia humana.” (MEYER, 1935: 25)

O exame do conjunto de ensaios que Alcides Maya, Moysés Vellinho e Augusto Meyer dedicam ao estudo de Machado de Assis, permite, por fim, algumas observações:

- em primeiro lugar, constata-se que Moysés Vellinho e Augusto Meyer dão continuidade ao trabalho inaugural de Alcides Maya, porquanto se valem de uma série de conceitos a respeito da obra machadiana, originalmente formulada pelo autor do *Machado de Assis – Algumas notas sobre o humour*; entre eles destacam-se o conceito de *humour* e a rejeição à crítica de inspiração taineana;

- em segundo lugar, a produção dos três ensaístas aponta para a aplicação de métodos críticos diferenciados na leitura que empreendem da obra de Machado de Assis: a de Alcides Maya, de teor essencialmente sociológico, sinaliza para a superação do determinismo taineano no exame da literatura; a de Moysés Vellinho promove a mescla de uma crítica de índole biográfica, presente, sobretudo, em “Um brasileiro contra a paisagem” e em “Histórias mal contadas”, com uma crítica de teor sociológico, como a realizada em “Motivos de crítica social” e em “Um machadiano”; a de Augusto Meyer, além de valer-se do método psicológico, reveste-se de uma natureza essencialmente comparatista, ao examinar a produção machadiana no diálogo que esta estabelece com significativas obras da literatura ocidental;

- por fim, o conjunto de ensaios críticos de Alcides Maya, Moysés Vellinho e Augusto Meyer, a despeito dos caminhos diferentes que trilham, assume dupla significação: de um lado, sinaliza para a presença de uma tradição ensaística sul-rio-grandense que, voltada para o exame da obra de Machado de Assis, se projeta nas décadas subseqüentes em trabalhos como os realizados por Alfredo Jacques, Raymundo Faoro, Flávio Loureiro Chaves, Ivo Barbieri, Regina Zilberman, Lígia Militz da Costa, entre muitos outros; de outro, comprova ser possível recuperar o percurso do pensamento crítico sul-rio-grandense, concebido ao longo do século XX, a partir das leituras de que foi objeto a produção do autor de *Quincas Borba*, tal a frequência com que são elas realizadas.

Referências Bibliográficas

- [1] BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *A crítica literária no Rio Grande do Sul: do Romantismo ao Modernismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS/Instituto Estadual do Livro, 1997.
- [2] CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1997.
- [3] CARVALHAL, Tânia Franco. *O crítico à sombra da estante*. Levantamento e análise da obra de Augusto Meyer. Porto Alegre: Globo/Instituto Estadual do Livro, 1976.
- [4] MAYA, Alcides. *Machado de Assis – Algumas notas sobre o humour*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Jacinto Silva, 1912.
- [5] MEYER, Augusto. *Machado de Assis*. Porto Alegre: Globo, 1935.
- [6] MEYER, Augusto. *Machado de Assis (1935-1958)*. Rio de Janeiro: São José, 1958.
- [7] MEYER, Augusto. As idéias de Brás Cubas. *O Exemplo – Jornal do Povo*, nº 33e 34, Ano XXX, Porto Alegre, 17 e 24 de julho de 1922.
- [8] MEYER, Augusto. Machado de Assis e a alma contemporânea. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 1º e 2 de novembro de 1925.
- [9] VELLINHO, Moysés. Machado de Assis: histórias mal contadas e outros assuntos. Rio de Janeiro: São José, 1960.

Autor(es)

¹ **Carlos BAUMGARTEN, Prof. Doutor em Teoria Literária.**
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)
E-mail: baumg@mikrus.com.br